

O PHAROL DO MINHO.

Responsavel, o Bacharel J. M. d'Arujo Correa.

SEMPRE-STAMPILHA.

Por anno.....	15000
» Semestre.....	15000
» Trimestre.....	5000
Folha avulsa.....	30

Publica-se todas as Segundas e Quintas feiras não sendo dia santificado. Assigna-se no escriptorio da redacção na rua de Santo André n.º 34, onde se recebem os annuncios e correspondencias, que devem ser dirigidos á redacção do — PHAROL DO MINHO — francas de porte. — Annuncios por linha 25 reis, re- petição 20 reis — Corres-pondencias 30 reis por linha.

COM ESTAMPILHA.

Por anno.....	25440
» Semestre.....	12720
» Trimestre.....	5730
» Supplemento.....	30

BRAGA 8 DE MAIO.

A opposição, que hoje por ahí cam-
peia, inculcando-se ao povo como
defensora de seus interesses, que em
outras epochas, quando foi poder, tanto
e carneceu, procura agora: lisongeando
certos preconceitos, predispor a opinião
em seu favor: este é todo o seu empen-
ho, a vêr se introduzindo-se com *pés
de lã*, faz esquecer a repugnancia, com
que o povo olhava para a sua adminis-
tração passada.

E se isto assim não é, como ex-
plicar esse zelo, que hoje quer mostrar
pelas coisas publicas, quando nos tem-
pos da sua gerencia governativa só pro-
curava *espremer* o povo, não para lhe
proporcionar a recompensa de seus sa-
crificios, mas para entregar o fructo dos
suores desse mesmo povo á voracidade
da agiotagem, que é hoje o inimigo
mais ferrenho da situação, que lhe an-
nullou as especulações?

E se isto assim não é, como expli-
car a *coragem* com que essa opposição
se apresenta de *collo erguido* a criticar
faltas imaginarias d'aquelles, que todo
o seu empenho — aliás bem difficil — é
remediar os males em que nos tinham
submergido as *loucuras*, as... des-
ses adversarios da regeneração, que lhes
cortou os *vãos audaciosos* de suas per-
tenções egoistas?

E se isto assim não é finalmente,
como explicar o quanto essa opposição,
que *por ahí* se nos apresenta a declama
pelas praças e pela imprensa, evita tra-
tar as questões financeiras, que hoje oc-
cupam a attenção publica, debaixo dos

principios racionais da sciencia econo-
mica, e só procura *illudir redondamente*
o povo, com os *calculos rotineiros* de in-
telligencias mesquinhas, que só vêem a
economia, no pouco ou nada que se gas-
ta, e procurando *assim fazer effeito* nos
espíritos desprevenidos, ou acintosamen-
te prevenidos?

Clamando ao povo, que a situação
o quer *esfolar*, pedindo-lhe o sacrificio
de 400 e tantos contos, para lhe resta-
belecer o credito nacional, que esses
seus mesmos adversarios de hoje lhe ti-
nham destruido, para dotar o paiz com
estradas, que lhe produzirão cento por
um, calla, occulta, que a regeneração
alliviou o povo de mais de 500 contos
de reis de contribuições annuaes; que
lhe franqueou a estrada de civilisação e
dos conhecimentos uteis proporcionan-
do-lhe a instrucção por meio das insti-
tuições de ensino publico que fundou;
que na hora d'angustia e das privações
alimenticias, proporcionou ás classes la-
briosas meios *efficazes* de alcançar o
sustento: tudo isto calla essa opposição
ferrenha, ou — o que mais é — procura
desvirtuar, negando, ou *interpretando*
acintosamente factos, que as mesmas
notabilidades conscienciosas de todos os
partidos publicamente confessam, e re-
conhecem como existentes e uteis!

Pugnem embora todos esses adver-
sarios da situação, pelas conveniencias
publicas, que apesar de seus preceden-
tes como politicos desdizerem das suas
palavras de hoje, estão no seu direito
porque todos são portuguezes; mas se
não leaes na sua opposição; não de xem
interferir tão claramente na *irritação* de
seus argumentos, motivo de suas decla-
mações «a ambição só de empolgar o
poder» que tão mal geriram em outras

epochas, esclareçam a opinião publica,
mas não a especulem, procurando illu-
dir o povo; que este por mais que fa-
çam, não lhes dá a sua confiança. Fi-
quem certos disso.

O *Moderado* confessa, que o povo
quer estradas, que o povo quer li-
nhas ferreas, que o povo quer a cana-
lisação dos rios, que o povo quer o me-
lhoramento dos portos, e todos aquelles
de que o paiz carece, para desen-
volver os seus recursos e augmen-
tar a riqueza da Nação, e o bem estar
de cada um dos seus membros. Nem
outra coisa era de esperar; pois que es-
ta vontade do povo tem sido bem pro-
nunciada de todos os angulos do reino;
por que o povo conhece os seus verda-
deiros interesses; por que o povo tem
bem patentes os exemplos das nações
civilisadas da Europa, que devem a es-
tes meios de communicação, a estes ve-
hiculos da riqueza e da civilisação a
grandeza e a gloria de que estão gosan-
do.

Porem o que não podiamos espe-
rar do *Moderado*, e que muito nos sur-
prehendeu, foi que o seu zelo o levasse
a lavar a condemnação d'aquelles, de
cuja politica se diz orgão. Sim elle la-
vou a sentença de condemnação da
administração passada, quando sabbado
passado disse: «O povo quer e tradas,
por que precisa d'ellas, por que paga o
que basta para que se lhe deem, e por
que em tal caso o negar-lhas importa
um crime, e ao mesmo tempo uma ini-
quidade.»

Se o povo quer estradas, se o povo
precisa de estradas, se como affirmais,

FOLHETIM.

Mysterios do Porto.

Por ***

XVII.

(Continuado do n.º 221)

No mesmo dia em que Adelaide de Maga-
lhães, fôra a casa de Luciano Cloud, pela
manhã, seriam, pouco mais ou menos, 5 horas
da tarde, apeava á porta do enfermo um ho-
mem ainda novo, de longas barbas, cabellos
grizalhos e de porte, na apparencia respeitavel.

Chegára á porta, e puchára ao cordão da
campanha. Um creado veio abrir, e o homem
subindo, foi introduzido no corredor, por onde
tinha de ir para o gabinete do enfermo. O in-

troductor do homem das barbas longas, retirá-
ra-se, e este entrando no gabinete, achou-se em
face do enfermo.

Luciano, achava-se só, e dormia; estava
afogado em suor, e tinha sido, ha pouco, ata-
cado de uma aguda cephalalgia, devida á in-
discripção do seu criado, que lhe deixára fi-
car dentro do gabinete um ramo de flores. Ora-
cem-chegado, chegou-se ao leito do doente, col-
lou o ouvido junto dos labios de Luciano, e viu
que respirava, a custo. Dera alguns passos a
recta guarda, e brilhou-lhe na frente uma in-
spiração de demonio. Permaneceu, de pé, exte-
tico e mudo alguns minutos, com os braços
cruzados sobre o peito, e os olhos fixos, sobre o
homem enfermo que vinha visitar. De repente,
Luciano acordára da somnolencia em que jazia:
não dormia, tinha cahido n'uma prostração, oc-
casionada por fortes dôres nas articulações dos
musculos, que o atormentavam demasiadamen-
te. Voltara-se, e vira aquelle homem, sem se
mover, de aspecto carregado e de braços cruza-
dos, olhando para elle.

— Quem sois?... que pettendeis de mim?
«Um medico, vosso amigo, que vem visi-
tar-vos.»

— Ah! um medico? Estou quasi a descreer
da sciencia, apezar de dizerem que ella pode
muito.

— Não façaes tal; a sciencia pôd' muito;
e o enfermo que desespera da cura, atraza o ef-
feito dos medicamentos, e de nada serve, neste
caso, a th'rapautica.

— Não vos comprehendo, doctor; então
vindes...

— Venho visitar-vos e no lugar de Gard,
vosso medico, que não pôde vir hoje vêr-vos.

— Era escusado; a minha molestia não dá
tantos cuidados como me diz mr. Girard...
talvez queira aposentar-me neste quarto mal-
dito, do qual estou ancioso por sahir, para me
vingar...

— Para vingar-vos?...

— Sim, doctor; e ha-de ser uma vingança
horivel, que dá á brado no mundo todo.

— Então que tentaes?

— Fazer com que deixe de existir na face
da terra o homem que traçoieira e cobardemen-
te me quiz assassinar...

— Vou tomando interesse em tudo que me
dizeis — disse o doctor puchando uma cadeira
para junto do leito, e sentando-se.

o povo paga o que basta para que se lhe deem, elle tem um direito sagrado para que lhe sejam dadas, e sobre o governo peza a mais rigorosa obrigação de satisfazer aquelle direito do povo, e o não cumprimento d'esta obrigação, é, como dizeis um crime, uma iniquidade. Mas se o povo agora precisa de estradas, se as quer, e paga o que basta para que se lhe deem; já durante a administração passada o povo precisava d'ellas já então as queria, já então pagava o que bastava para que lhe fossem dadas. E que fez essa administração? Cumpriu com o seu dever, dando ao povo as estradas a que tinha direito? Quantas legoas de estrada mandou ella construir? e aonde? Em que consumiu o dinheiro que o povo pagava, e que o Moderado afirma era bastante para que se dotasse o paiz com as estradas de que tanto carece?

Se pois é uma iniquidade, se é um crime que ao povo se não deem estradas, quando elle as quer, precisa d'ellas, e paga o que é bastante para se lhe darem; a administração passada, commetteu essa iniquidade, perpetrou esse crime não mandando construir essas estradas de que o povo carecia, e para que pagava o sufficiente.

E quem lavrou esta sentença de condemnação contra a administração passada? Seriamos nós que apenas fizemos a applicação d'um principio, ou o Moderado que estabeleceu esse principio? Sim foi o Moderado que estabelecendo o principio lavrou aquella sentença que nós não fizemos mais do que applicar-a.

Porem vamos examinar se a actual administração é tambem ré d'aquella iniquidade, d'aquella crime de leza-nação. Terá a actual administração cumprido com o seu dever? Ah! estão para o attestar 90 legoas de estrada feita e acabada; ah! estão 24 legoas de estrada em construcção; ah! estão 17 pontes feitas e acabadas, ah! estão 28 pontes em construcção; ah! estão para cima de 4 mil contos de reis empregados em obras publicas. Eis os titulos, documentos que attestam que a actual administração tem respeitado o direito do povo, tem cumprido a sua vontade, tem dado ao dinheiro, que o povo paga, a applicação para que fôra destinado.

O Moderado pondo na boca do sr. ministro da fazenda palavras que elle não disse e occultando o que elle disse, quer fazer acreditar que elle distrahiu os dinheiros publicos das suas applicações legaes. E' verdade que o sr. ministro da fazenda declarou no parlamento que o governo não tinha applicado ao caminho de ferro a somma de 332 contos de reis, como prescrevia o decreto de 30 d'Agosto, mas tambem elle declarou (o que não fez conta ao Moderado) que esses 332 contos de reis foram empregados em estradas e obras publicas, e que este emprego hoje já estava sancionado por uma lei que o tinha approvedo.

Tambem muito nos surprehendeu que o Moderado dissesse que os caminhos de ferro de Lisboa para Cintra e Santarem não são senão de mero prazer para a côrte, para meia duzia de ricos, ou para duas ou quatro duzias de janotas. Não são só os ricos e os janotas que tiram vantagens das estradas; todos, pobres e ricos, interessam na sua construcção, e os pobres são os que tiram d'ellas maior interesse, ou por que se empregam na sua factura ou por que contribuem menos para ellas. De mais os caminhos de ferro são os caminhos do povo pela modicidade do preço por que podem aproveitar-se d'elles para se transportarem d'um logar para outro, ficando-lhes incomparavelmente mais barato esse transporte do que se o fizessem a pé por uma boa estrada maldamnada.

RECEBEMOS uma correspondencia do sr. Padre Estevão Gomes Cardozo, da freguezia de Santa Maria d'Avelleda d'este concelho, que a seu pedido publicamos em logar competente. Este virtuoso ecclesiastico é digno da missão que occupa na sociedade. Foi em sua casa que recebeu agasalho José Carneiro, depois de ter sido mortalmente ferido, e lhe prestou todos os auxilios, tratando-o com toda a humanidade desde o dia 19 do proximo passado em que foi ferido até o dia 27, em que exhalou o ultimo suspiro; e depois da sua morte cuidou do seu enterro na Igreja da sua freguezia.

Sabiu hoje d'esta cidade para a praça de Valença o exc.^{mo} sr. Brigadeiro Antonio Peito de Carvalho. S. exc.^a tendo noticia de que a officialidade do regimento, cujo commando deixava, em consequencia da feira de Villa Nova, não tinham podido obter cavalgaduras para o acompanharem, fez-lhe saber que para annuir aos seus desejos, iria até á freguezia de S. Jeronimo. Todos, officiaes superiores e inferiores ali o acompanharam, e a todos correram espontaneamente as lagrimas quando no acto da despedida se abraçaram com seu antigo camarada, a que elle igualmente respondeu, abraçando com as lagrimas nos olhos um por um. Foi o mais verdadeiro testemunho de amizade que aquelles bravos officiaes podiam dar a seu commandante. Este espirito de fraternidade e respeito que distingue os officiaes do regimento 8.º é a herança mais gloriosa que receberam do exc.^{mo} sr. General Ferreira quando commandante d'este regimento.

Em seguida publicamos a ordem do regimento, em que s. exc.^a se despediu dos seus camaradas.

QUARTEL EM BRAGA 6 DE MAIO DE 1856.

ORDEM.

Tendo recebido ordem para ir tomar o Governo da Praça de Valença, eu não posso separar-me do Regimento d'Infanteria n.º 8 sem lhe testemunhar a viva saudade que me acompanhava neste momento, a qual nasce do subido apreço que dou á distincta morigeração que este Corpo aprendeu de S. Ex.^a o General Francisco Xavier Ferreira, e que sob o meu commando tem sempre conservado desde 1847, com muita honra para todo o Regimento e particularmente para mim.

Essencialmente obediente eu não me occupo com preferencia se não de cumprir agora e em toda a occasião as ordens que me forem dadas; ainda assim não posso deixar de pedir a todos os srs. officiaes, sargentos e soldados d'aceitarem os meus agradecimentos pelo respeito e obediencia que sempre me prestaram no fiel desempenho ás ordens dos nossos superiores, e particularmente ás de SUA Magestade: qualidades estas que são um firme penhor de gloria, e que eu faço sinceros votos sejam para o futuro conservadas sob o commando do sr. Jeronimo Antonio Luna, nosso digno tenente coronel, que hoje me substitue, e que reúne o merecimento para sustentar como convem a antiga reputação do regimento de infanteria n.º 8.

Antonio Peito de Carvalho.
Brigadeiro Graduado.

NOTICIARIO.

— Sorteamento. — Continua no paço do concelho o sorteamento dos mancos recenseados. A Camara tem procedido no desempenho d'este importantissimo encargo com uma imparcialidade e escrupulo, que tornam seus membros dignos de se lhes prodigalisarem

— Sentai-vos, doctor; sentai-vos, e ouvi-me, se me não tornar fastidioso.

— Que hides dizer?

— Contar-vos a historia que deu causa á minha doença... sabeis do que tinha pena? Era de morrer por mãos tão cobardes como as de Luiz Vieira, amante de Adelaide de Magalhães Nunes.

O doctor, estremeceu, a seu pezar.

— Eu vos escuto; principiai, disse o doctor.

— Ajudai-me doctor, ajudai-me a levantar um pouco mais sobre o travesseiro, já que vindes hoje fazer as vezes do vosso collega Girard — disse, pausadamente, Luciano Cloud, fazendo por levantar-se.

O doctor levantou-se e ajudou a sentar Cloud, collocando-lhe o travesseiro por detras das costas; depois tornou a sentar-se.

— Obrigado, doctor; obrigado: vamos á historia, não é assim?

— Como q'izédes.

— Julgo que não podeis ignorar a nação a que pertenco: sou francez, excusado era dizer-vol-o. Filho de pais abastados, que nunca me fizeram seguir uma carreira, o meu desejo ardente, o meu unico pensamento dominante, era

viajar. Frequen ei por alguns mezes a escola de marinha; aborreci-me, de resto; não me contento com objectos ficticios, quero-os reaes, verdadeiros; quero apalpal-os. Não sei o que me parecia frequentar a escola de marinha, tendo diante dos olhos um oceano sem agoa, e um navio que navegava em secco, — abandonei-a por tanto, e alcancei licença, com muito custo, de meu pai, para me embarcar a bordo de um navio de guerra que seguia viagem para Portugal: embarquei, com effeito; vi-me livre; respirei então um ar que me dava novas forças, e derramava no meu espirito nova seiva. Como é bello, doctor, contemplar o oceano que serve continuamente, e ora está agitado, ora bonangoso? Como é bello contemplar encostado á amurada de um navio, ou sentado no tombadilho, as immensas serras de agoa, que se succedem umas apoz outras, e que desaparecem, saltando por cima do fragil batel, que navega em seu seio? Já viste, doctor? Já contempleste um tal espectáculo? Vamos adiante: cheguei a Lisboa: permaneci alli por algum tempo, e, depois de ter observado os objectos mais insignificantes que a cidade encerrava dentro em si, resolvi-me a deixal-a. Embarquei de novo, e vim aportar a

esta côrte, onde me acho ha alguns annos. A principio alojei-me n'uma estalagem, mas, o seu preço demasiado excessivo, fez com que eu procurasse uma casa particular que me servisse. Já tinha adquirido diversas relações, entre as quaes contava as de Luiz Vieira, que me sahiu o homem mais perverso e covarde deste mundo...

O doctor estremeceu.

— Que é isso, doctor? que tendes? estremeceste quando vos fallei nesse perverso? tendes algumas relações com elle? perdoae se acaso vos offendi...

O doctor limitou-se a fazer um signal negativo com a cabeça.

Luciano Cloud, continuou:

— Com o decorrer do tempo, soube que Luiz era só, manco de porte distincto, e de maneiras affectuosas e delicadas, conversado elle nos caffès e nos passeios, não habitando junto com outro homem; mas o que agora vos digo, só o pude saber depois de passado algum tempo. As nossas relações cada vez continuavam mais intimamente; pareciamos dois irmãos, que nos amavamos e nos estremeçamos um ao outro. Revelei-lhe o meu proposito de abandonar o hotel em que me achava, e procurar uma

todos os encomios, não se poupando a trabalhos e fadigas, e não tendo outra guia senão a justiça.

— *Erratus* — Em o n.º 229 pag. 4 colum. 1.ª lin. 32, onde se lê — dependurades — deve lêr-se dependurados — na mesma colum. lin. 61, onde se lê — escreverem — deve lêr-se — quererem — e na mesma colum. lin. 65, onde se lê — mais — deve lêr-se — meo.

— *Murmurio*. — Recebemos o n.º 9.º deste interessante jornal.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. redactor.

Ouvindo dizer, que no *Bracharensis* vinha um communicado assignado pelo meu visinho João do Penedo, fiquei surprehendido, e procurando aquelle periodico deparei com o tal communicado e depois de o lêr de fio a pavio exclamei: Desgraçado de quem não sabe lêr nem escrever! Em quantos laços o não faz cahir sua ignorancia e credulidade! Este pobre homem, João do Penedo, a quem todos por aqui chamam o João penedo, sem com isso lhe fazer injuria, vai com a sua assignatura de cruz firmar um communicado em que são quasi tantas as mentiras como as linhas, que contem, e digamol-o d'uma vez, o meu visinho, apesar, de penedo, não passa por mentiroso, mas em lhe fallando cá certo sugueitinho em quem tem confiança vai logo a sua cruz ao papel.

Começa o communicado «Hontem antes de entrar para a Missa na igreja da minha freguezia, ouvi lêr ao regedor da parochia, talvez por encomenda, um papel que se chamava não sei que do Minho etc.» E' esta a primeira mentira porque começa logo aquelle communicado, que eu não posso attribuir ao meu vizinho penedo, pois que elle sabe muito bem que o nosso regedor, que aliás é homem muito honrado, e diligente no exercicio das suas funcões, não sabe lêr nem escrever.

Continua o tal communicado «Concluida porem a Missa, e como estava com a pulga no ouvido, fui dar com o meu vigario, que é cá dos nossos, e perguntando-lhe se elle já tinha visto o tal papel, e o que queria dizer, elle me respondeu logo, sim, snr. João do Pe-

nedo, já li esse papel, que é o *Pharol do Minho*, e admira-me que v. mc.º não entendesse, que elle se referia aos proprietarios, lavradores e artistas, que não sabendo escrever, assignaram com tudo, com o seu signal de cruz a representação contra os novos tributos, e mais cousas; representação que eu lhe li, e que de certo não hade ser attendida, porque a *regeneração*, e os *regenerados* ainda não estão fartos e por isso querem chuchar mais sangue ao povo» Aqui temos outra mentira. O nosso Vigario snr. redactor, não é desses; é um homem muito prudente e sério e que quando o consultaram sobre uma representação, que um sujeito andava a assignar por esta e outras freguezias, dizendo ao povo que assignassem que era para não pagarem tributos (e era elle muito diligente que não deixou passar uma porta onde não fosse e bater) respondeu que fizesse cada um o que entendesse, que assignasse ou deixasse de assignar segundo a sua consciencia; mas visto que o consultavam mostrando a confiança, que nelle depositavam, julgava do seu dever dizer-lhes a verdade: que essa representação que inculcavam ser contra os tributos era um meio de que os despeitados se queriam servir para chegar ao poder, e tanto que esse que andava pela freguezia a promover as assignaturas da representação, o que queria era tornar a ser administrador ali de certo concelho; que o governo não queria como elles diziam, e faziam espalhar, chuchar o sangue do povo, mas sim dotar o paiz com boas estradas e outros melhoramentos, de que tanto carecemos; e em seguida começou o nosso Vigario, que é homem muito lido, a discorrer sobre as vantagens, que a Portugal hão de infalivelmente resultar de ter boas estradas e a confirmar isto que dizia com exemplos tirados das outras Nações, cuja grandeza, riqueza e prosperidade era devida ás boas estradas, que possuíam, e fez-nos uma tal pintura dessas vantagens, que todos á uma dissemos queremos estradas; abençoado governo que olha pelo bem estar d'esta Nação, e que não é como os outros que tem havido que nos tem deixado n'um estado de barbaria em que jazemos.

Foi então, que o meu visinho penedo ficando de boca aberta perguntou

na do pobre... não é assim? Essa mulher, abandonando o marido, trazia um outro homem para lhe enchugar as lagrimas nas horas de desconforto e de amargura; e nos momentos de prostração moral... Vivera com E. luardo da Silveira, era este o nome do bem-aventurado, por se a memoria me não é rebelde, dois annos. Ao cabo delles, principiavam os padecimentos... — remorsos, não podiam ser, doctor? — e, depois de muito padecer, de soffrer muito, deixou este mundo, legando á mulher que tinha roubado a seu marido, em Portugal, alguns contos de reis, e um filho que ainda hoje vive! Herança de lagrimas e de desconforto! Herança amaldiçoada, que não poderá medrar na terra, nem progredirem os bens de fortuna, das pessoas que se servirem daquelle dinheiro, e que com aquella mulher tiverem relações!

— Acabasteis?

— Não... ainda não, doctor: bem sei que me torno fastidioso... mas, tende a bondade de me escutar... farei por acabar a minha narração o mais breve possível.

Luciano proseguiu:

— Dizia eu, doctor, que Eduardo da Silveira, morrera, ao cabo de longos padecimen-

o que era ser «despeitado», e o nosso Vigario nol-o explicou não como se lê no tal communicado, mas da maneira seguinte: que despeitados se chamavam aquelles que a torto e a direito, nos queriam governar, já se sabe para interesse desta Nação, e por que o não tem podido conseguir, andavam zangados, e muito mais por verem a confiança que o povo tinha no actual governo, confiança esta, que todos os dias augmenta em proporção dos melhoramentos, que elle vai realisando e da verdadeira applicação, que elle dá aos tributos que o povo paga satisfazendo a todos os crédores e servidores do Estado, e mandando abrir por toda a parte vias de comunicação; e que não era como d'antes que o povo pagando os tributos nem se satisfazia áquelles crédores e servidores do Estado, nem se faziam estradas não obstante o povo pagar uma contribuição especial para estas.

Tambem o nosso Vigario, é verdade, nos fallou no subsidio, mas não disse o que se lê no communicado. O que elle nos disse, foi que o subsidio litterario era um tributo odioso, odiosissimo, e vexatorio por que pesava só sobre os lavradores, quando era certo, que os tributos devem ser repartidos igualmente por todos os cidadãos e por isso com muito justiça, o governo o tinha abolido em beneficio da agricultura.

Eis aqui, sr. redactor o que nos disse o nosso Vigario, e não o que se lê no tal communicado, que o meu visinho João do Penedo, que na verdade é um grande penedo assignou com a sua cruz, e até nos consta que o nosso Vigario já o mandou chamar para o reprehender, pela sua credulidade e boa fé.

Rogo-lhe snr. redactor o obsequio de inserir estas linhas no seu acreditado jornal.

José Fernandes.

P. Concelho de Braga 2 de Maio.

Snr. redactor.

Dignus est operarius mercede sua.

QUANDO os antigos Portuguezes expunhão seu peito aos dardos, e encaravam os perigos com coração impassido, ganharão para nosso sollo Padres, que estão combatendo com os

tos, legando á mulher que arrancara dos braços de seu marido e ao torrão natal, alguns contos de reis e um filho, que ainda vive! Disse, tambem, que era uma herança de lagrimas e de desconforto... uma herança amaldiçoada, que não poderá medrar na terra, nem progredirem os bens de fortuna das pessoas que se servirem daquelle dinheiro, e que com aquella mulher tiverem relações... e disse bem, não achas, meu caro collega de mr. Girard? Que fortuna encontrava essa mulher? Quem poderá olhar para ella, a não ser esse louco, esse homem maldito, de Luiz Vieira?

Luciano fizera aqui uma longa pausa: encostou-se ao travesseiro, deixou cahir-se pelo leito abaixo e permaneceu, assim, por alguns segundos.

(Continua)

tempos: conseguirão braços que hoje se veem pendentes de seus Palacios. Tudo effeito do reciproco amor, d'elles para com a Patria, e da Patria para com elles: aquelles por que se interessavão pelo bem da Patria, e a Patria por que soube ser grata a heroicos feitos. Por tanto, sr. redactor, se os serviços quando são regenerados por homens, (que supposto mudem de especie, não mudão de essencia,) que affrontão os perigos com toda a coragem, como se vê na pessoa do ill.^m sr. *João Lourenço dos Santos*, que tão heroicos serviços está fazendo a esta nossa Braga, qual o motivo por que este cavalheiro não tem sido compensado como é digno? Não deve ser outro se não por que até agora não foram seus serviços expostos a SUA Magestade; por isto venho juntar estas vozes ao órgão de seu jornal, a fim de que v. as faça entoar para que atraião a attenção do Governo sobre este digno cavalheiro, e por isto ficará sendo de

V. att.^o v.^o e cr.^o

O PADRE — *Estevão Gomes Cardozo*.

Santa Maria d'Avellada 4 de Maio de 1856.

RECLAMAÇÃO.

DECLARO eu João Alberto d'Araujo e Castro, proprietario e pachocho da freguezia de S. Paio d'Arcos, que tendo vindo a esta cidade em um dos primeiros dias do mez d'Abril passado, encontrei em uma loja da rua da Fonte da Carcova desta cidade o bacharel Manoel Justino Marques Murta, promovendo assignaturas d'um papel que trazia com muitas, e sendo alli chamadas diferentes pessoas e vizinhos que assignarão sem lêr, neste mesmo acto me pedirão para que tambem assignasse, o que fiz, na persuazão de que era representação para formaturas de estradas, para o que nunca duvidei assignar, como já assignei diversas representações.

Sabendo porem nesse mesmo dia e logo depois, que a representação, para que se procuravão assignaturas era dirigida contra os projectos financeiros apresentados pelo governo. Fui logo reclamar a assignatura, pedindo o papel para o riscar, o que não fiz, por que o dito bacharel deu-me a sua palavra de honra de que o riscava. E vindo agora no conhecimento de que longe de ser riscado, se continuara a abuzar daquelle assignatura de novo reclamo a dita minha assignatura, como não feita.

Braga 7 de Maio de 1856.

João Alberto de Aranjó e Castro.

O PLUTARCO BRACHARENSE, E AS SUAS INCRIVEIS MIZERIAS.

(Continuado do n.^o 229.)

SIM, illustres vereadores de 1852, vós já deveis ter aprendido dos vossos predecessores, a contar de 1842 em diante, que o vosso implacavel verdugo não estudá a sómente no seu *poltrónico* exilio a arte de arranjar canonicatos, para passar commodamente, em santo ocio, o resto dos seus *enjoados* dias á custa do suor do povo; mas cultivara tambem, com distincto aproveitamento, as escolas onde se professam as theorias dos *direitos do homem*, do *egoismo puro* e da *independencia absoluta*, fazendo-se especialmente forte na arte de reagir contra o

sensu commum—de menospresar e deprimir os seus semelhantes, quando não partilhem as suas *excentricas* utopias,—de esbofetear os seus proprios amigos e *bemfeitores*, mordendo, como cão raivoso, a mão que lhe dá o pão, acabando por tomar o grão de *doutor* na faculdade dos *folhetinistas* mais sevandijas da Europa.

Se o seu tão bem aproveitado exilio se houvesse prolongado por mais 20 annos, talvez tive-se aprendido tambem por lá algumas regras de boa educação, moral e social, e a arte de viver, comedido e prudente, entre homens civilizados. Porem infelizmente não lhe sobrou tempo para se applicar a estes estudos, porque apenas sentiu a *chara patria* de *assombrada do enjoativo* fumo da polvora, deu-se pressa a vir tomar o seu *posto d'honra*, para demandar o seu *quinhão de premio e gloria*, como *martyr da tyrannia*, parodiando admiravelmente a *gathardua* do camaradinho zurrador de longa orelha, que disputava ao leão a gloria da caçada, entoando ufano e arrogante a conhecida ária — *Qualis videtur opera tibi vocis mee?* — Ora nós já sabemos por sua informação que a causa do *poltrónico* exilio foi o muito gritar e muito *bramar* em pro da Soberana no meio d'um povo d'*inficis*!

Então a falta lamentavel d'aquelles ultimos estudos, para temperar e completar os primeiros, deu-nos em resultado a muito *conhecida* e muito alardeada *excentricidade*, que o *glorioso martyr* da liberdade pretende hoje arvorar em systema e aclimatar entre nós, tendo até já escola aberta e discipulos dignos dos seus elogios, afim de perpetuar a memoria do *inextinguible* mestre fundador, e ter sempre á mão instrumentos dos seus tenebrosos planos.

Ora tudo isto vos esqueceu, nobres Vereadores de 1852; e então como fizestes ouv dos de mercador á homilia e aos 4 palavras *ventrurados* manos do missionario; como tivestes o desacordo de enta des *parceirinhos*, *por timbre*, na *honestissima* conspiração da Camara transacta e, para comulo de vossos crimes, o de attentardes contra a *independencia* e *inviolabilidade* do grão sacerdote *zangão*, dirigindo á Soberana uma sacrilega representação contra a lei creadora dos *canonicatos decoratissimos* e *absurdos*, preparai as costas para levardes 2.^o dóze pela descarnada mão do vosso barbaro algoz! Eil a:

« Com effeito, depois de S. Magestade dizer muito expressamente: « Consinto o Collegio, com tanto que se guarde *toto o decoro* ao Lyceu, como casa nacional, onde se instruem *mancebos*; consinto o Collegio, com tanto que fique *illesa e sem risco algum a conservação* da Bibliotheca (e sobre tudo a soberania e *publicidade* do conego Bibliothecario) » — era indispensavel um cynismo de petulancia e aleivosia, para postergar estas duas *condições*, ou *preceitos sacrosantos*; era indispensavel um prodigio de cegueira para os metter debaixo dos pés, e para verificar, em 1852, a promessa que se havia feito ao Sr. Segurier em 1850 »

Aguentai vos com essa colher d'ervas, illustres cavalheiros, já que, por mal entendida compaixão, não mandastes amarrar e conduzir a Rilhafolles o vosso indomito verdugo, quando em 1852 vos impingio aquella tão palpitante prova da sua *conhecida excentricidade*, que

outra carta de guia não precisaveis! Porrem consolai-vos, porque o resto da dóze vai ser repartida entre vós e os vossos parceiros na *conspiração*, ou antes no desprezo do desalmado verdugo. Attendei:

« As duas auctoridades, Governo Civil e Camara não se atreveram directamente, ou de per si, a tamanho *sacrilegio*, e creram, com *inveja-vel innocencia*, que era melhor *consentil-o*, do que *perpetral-o!* *Credite posteri!* »

« Delegaram pois a execução, não em outra qualquer auctoridade, mas sim no Conselho do Lyceu, isto é, n'aquelles mesmos que, em favor do Sr. Segurier, tinham com a maior *lisura* representado á Soberana » que o segundo pavimento podia incendiar-se — *Sem risco de communicação d'incendio, nem para o pavimento primeiro, nem para as partes literaes do edificio!* » (nem para a cratera volcanica, arvorada sobre o tronco do *excentrico* algoz!)

« E como se houvessem então estes conscienciosos delegados? Como entenderam em Braga aquelle decreto, que tão *casto* e *salvador* sahio do Paço das Necessidades em Lisboa; (sem esta declaração topographica, entenderse-hia que ficava em Paris de Londres!) — aquelle decreto previdentissimo; (faz-nos aqui falta a palavra *castissimo*, que tambem são *manas*, e até do algoz!) que em relação ao Lyceu e á Bibliotheca, resumia em si o *será casto* e o *não matará* do decreto? »

Leitores bracharenses, a quem d'ha muito são conhecidos o algoz e as victimas, attendei e vede se em todo o panorama do contrabando *miseravel* se offerece um quadro mais revoltante! Contemplai a sangue frio, se podeis, não já a ferocidade rancorosa do indomito verdugo, mas a generosidade *ultra-cynica* com que elle arreme-se ás suas victimas os dons e minos que são propriedade *muito sua*, e que ellas de certo não estão dispostas a partilhar com elle; e sobre tudo a sacrilega profanação d'aquelles dons preceitos do Decalogo, com os quaes (não fallando nos outros) vós o conheceis tão flagrantemente divorciado, como o está com o sensu commum, — com a sociedade dos homens de bem, — e até com a da misera esposa abandonada... (oh! prodigio de *moralidade excentrica!!!*)

O proprio conego algoz reconheceu quiçá em algum luo do intervalo (que os loncos excentricos tambem os tem) a repugnante perspectiva do quadro, e porisso vos vai apresentar em seguida um appetitoso *desenjoativo* pela boca do seu palhaço: prepara-vos para esta nova scena, que de certo vos hade divertir um pouco. Attenção! (Continua)

AGRADECIMENTO.

Manoel Ferreira d'Azvedo e Castro tendo de partir para cidade do Porto, aonde deveres de familia o chamavam, e não podendo porisso, agradecer pessoalmente os grandes obsequios que recebeu dos reverendissimos senhores sacerdotes que assistiram aos officios que se celebrarão pela alma de sua presada mãe, bem como aos illusterrimos snrs. que o procuraram por essa occasião, o faz d'esta maneira, testemuhando-lhe a sua eterna gratidão. (384)